

## O ensino da arte contemporânea: duas experiências na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre

**Carine Betker**

Mestranda em Educação- PUCRS

**Resumo:** O presente estudo é fruto das observações realizadas como parte da pesquisa de Mestrado em Educação, na linha de pesquisa Teorias e Culturas- PUCRS. O objetivo maior do projeto de pesquisa é observar o modo como o ensino da arte, em especial da arte contemporânea, tem se desenvolvido na prática, com o intuito de levantar possíveis potencialidades para educação nesta área. Foram acompanhadas as aulas de duas professoras da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, que atuam nesta disciplina. Uma delas atua na EJA, e a outra junto a turmas do terceiro ciclo, em ambos os casos o público é composto principalmente por adolescentes, provenientes da periferia da cidade. As observações ocorreram durante os meses de abril, maio, junho e julho de 2012, período em que foram desenvolvidos os projetos sobre arte contemporânea com os alunos. A análise dos dados ainda não foi concluída, mas já permite a observação de pontos de potência.

**Palavras-chave:** Experiência; práticas de ensino; arte contemporânea.

No projeto inicialmente apresentado para a banca de qualificação, a proposta de trabalho era fazer uma pesquisa mais abrangente, que partiria de um estudo de diretrizes propostas pela SMED para o ensino de arte, bem como o contato com todos os professores de artes visuais da Rede Municipal de Ensino, que é composta por 96 escolas. Essa fase inicial tinha o intuito de encontrar profissionais da área de artes visuais que focassem em seus projetos na Arte Contemporânea, para só então selecionar um pequeno grupo que faria parte da pesquisa, que consistiria do acompanhamento das aulas desses professores. Como este seria um trabalho demasiado extenso, por sugestão da banca, ficou definido que o foco da pesquisa se daria diretamente na observação das aulas de dois professores, procurando, assim, estabelecer um paralelo entre dois modos diversos de abordagem do ensino da arte.

Para a definição destes dois sujeitos de pesquisa, entrei em contato com outros pesquisadores sobre o ensino da arte, bem como com a Fundação Bienal do Mercosul, Santander Cultural e Fundação Iberê Camargo, os quais atenciosamente responderam com indicações de alguns professores que vinham trabalhando com arte contemporânea, e levando suas turmas para visitas à esses espaços expositivos. Dentre as diversas indicações, e após analisar a viabilidade de

acompanhamento das aulas, o que envolvia as possibilidades de deslocamento, a compatibilidade de horários, entre os meus horários disponíveis e os horários das turmas a serem observadas, ficaram estabelecidas as duas professoras que eu acompanharia, bem como em quais turmas seria realizada a pesquisa.

Com as professoras, escolas e turmas definidas, a sequência foi encaminhar as autorizações formais e institucionais para se efetivar o acompanhamento das aulas, iniciar a pesquisa de campo propriamente dita. O projeto foi encaminhado ao comitê científico da PUCRS, bem como foram apresentadas a proposta de pesquisa para a SMED, para as escolas e para as professoras.

As observações se iniciaram efetivamente, a partir do dia 9 de abril de 2012, e se estenderam até a segunda semana de julho de 2012, estando em aberto ainda a possibilidade de novas observações para o mês de agosto, o que ultrapassou o período que havia sido estimado no cronograma, que girava em torno de 2 meses. Com esse tempo de acompanhamento foi possível construir um *corpus* considerável para análise, constituído de anotações, gravações, e uma série ampla de fotografias, e alguns vídeos, que foram os registros das aulas que foram sendo desenvolvidas.

Ao longo desse acompanhamento pude perceber que os projetos que foram desenvolvidos pelas professoras, se subdividiram em diferentes momentos. Esse aspecto não é descrito ou comentado por elas nas conversas iniciais, mas é algo que fica implícito à própria prática de ensino da arte, e que irei me deter mais profundamente ao desenvolver na análise do material observado de cada uma. Mas de um modo geral, em cada momento, a ênfase se alternava entre o campo *prático* e o campo *teórico*. Nos dois casos, o trabalho se iniciou por um momento de construção de conhecimentos teóricos acerca da arte e dos artistas que seriam estudados. Nesse ponto dos projetos, entra a ampliação do repertório dos alunos, tanto visual quanto conceitual. São apreciadas inúmeras imagens, e alguns alunos visitam as exposições dos artistas em estudo. Daria para dizer que em todos os momentos dos projetos houve a possibilidade de vivenciar experiências estéticas, seja com as reproduções das obras que são vistas via imagem móvel (vídeos), ou fixa (fotografias, reproduções, livros), seja o contato com as obras em si. Esse tipo de experiência evidentemente acaba acontecendo também durante as aulas práticas, pois afinal, com tantos materiais e modos diversos de envolver o corpo, é provável que algo seja percebido de um modo diverso, inusitado até.

O tempo dedicado ao processo de criação dos trabalhos foi relativamente maior que o dedicado às discussões teóricas, mas sempre havia algum momento em que surgiam questionamentos com relação ao do que estava sendo produzido. O fazer envolve um processo de articulação entre o racional e o emocional/sensorial/sentimental, não são estanques. Portanto, o *fazer arte*, não é descolado do *pensar arte*. A combinação destas duas esferas é que pode provocar uma *experiência singular*, no sentido de que nos fala DEWEY (2010, p.112), experiência esta que vai ser lembrada por seu caráter qualitativo, conduzindo ao pensamento acerca do que fora vivido.

Ao longo de todo esse processo, passei a vislumbrar a possibilidade de analisar o material dando ênfase à construção de conhecimento estético provocado pelas propostas das duas professoras, e o quanto o fato de estarem trabalhando com artistas contemporâneos colaborou para isso, pois estas são questões que me interessam profundamente.

Durante todo esse processo de observação, e de criação do *corpus* da pesquisa, fui gerando imagens, registrando o que ia acontecendo e como os trabalhos foram ganhando cada vez mais 'corpo', evidentemente essas imagens apresentam um grande potencial, sendo uma forma de contar/testemunhar como se deram esses processos de composição e criação, vivenciados pelos grupos e merecem uma atenção mais detalhada.

Como ainda não estava satisfeita com o material que tinha disponível, decidi coletar algumas entrevistas, mais pontuais, sobre como alguns destes personagens perceberam todo esse processo de desenvolvimento dos projetos. Estas entrevistas foram individuais, por acreditar que era um momento importante para conhecer melhor as pessoas com as quais estava tendo contato. Para GASKELL:

Toda pesquisa com entrevistas é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (o entrevistado) para outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de ideias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas. Com respeito a isso, tanto o(s) entrevistado(s) como o entrevistador estão, de maneiras diferentes, envolvidos na produção de conhecimento.(...) Deste modo, a entrevista é uma tarefa comum, uma partilha e uma negociação de realidades. (2004, p.73 e 74)

Assim, essas entrevistas constituíram-se em uma forma de esclarecer algumas impressões que tive sobre eles e sobre o modo como encaram a arte, e como esses estudos os envolveram, bem como eles também puderam esclarecer curiosidades acerca do meu trabalho enquanto pesquisadora. Enquanto pesquisadora e professora, surge o desejo de saber o que pensam, para pensar em modos de ensino que sejam envolventes também com outros alunos, em outras realidades, que possam criar novas possibilidades de ver o mundo.

Gostaria de lembrar, aqui, que a descrição e a análise dos materiais coletados nesta pesquisa, constituem apenas *uma* possibilidade de interpretação sobre o que foi observado, é um olhar específico, o que não quer dizer que outras pessoas perceberiam esses projetos da mesma maneira. Também percebo como algo impossível que as palavras deem conta da amplitude que foi a experiência, e neste sentido concordo com BERGER:

Mas existe ainda outro sentido no qual ver precede as palavras: o ato de ver que estabelece nosso lugar no mundo circundante. Explicamos esse mundo com palavras, mas as palavras nunca poderão desfazer o fato de estarmos por ele circundados. A relação entre o que vemos e o que sabemos nunca fica estabelecida. A cada tarde *vemos* o sol se pôr. *Sabemos* que a Terra está se movimentando no sentido de afastar-se dele. No entanto, o conhecimento, a explicação quase nunca combinam com a cena. (1999 p. 9)

Talvez por estar muito envolvida com o campo, com os temas abordados e com as práticas de sala de aula, alguns aspectos fiquem sem a devida atenção. E, além disso, as duas professoras e seus respectivos projetos compõem quase que uma pequena “amostragem” em um contexto que é rico de outros tantos profissionais, por isso prefiro tratar como um estudo comparativo entre dois casos específicos, que possuem suas potencialidades e limitações, mas sem a pretensão de compor parâmetros gerais para o ensino da arte.

Passemos aos projetos: o projeto da professora “1”, contemplou o estudo do artista brasileiro Arthur Bispo do Rosário, envolvendo pesquisas prévias sobre o artista, desenvolvidas em sala de aula, e uma visita à exposição “Arthur Bispo do Rosário: a poesia do fio”, apresentada no Santander Cultural. Foram desenvolvidos trabalhos de criação de barcos de papel que carregavam em suas superfícies palavras significativas escolhidas pelos alunos, o que resultou na construção de um painel coletivo. Na sequência dos trabalhos, foram criados pequenos cartões, em que exploraram diversas linguagens, passando do desenho ao bordado, que foram

unidos por costura uns aos outros criando um grande painel coletivo, tendo por referência os estandartes de Arthur Bispo do Rosário. Essa ideia de construir o trabalho final como que um estandarte surgiu no decorrer das aulas, não era algo que estava anteriormente previsto, demonstrando que a abertura à possíveis mudanças faz parte do processo de ensino da arte, até porque o processo criativo não é algo rígido, limitado, mas muitas vezes provém de respostas que precisam ser dadas à materialidade do que está sendo construído. Para fechamento do projeto está prevista a montagem de uma exposição dos Estandartes produzidos pelas turmas que estudaram o artista, que será realizada no pátio da escola.

Por sua vez, o projeto da professora “2”, que atua junto aos alunos da EJA, envolveu o estudo de mais de um artista, e a proposta de produção plástica do grupo será enviada para um projeto de intercâmbio que a escola mantém com Portugal. A produção plástica dos alunos foi inicialmente provocada pela apreciação de poesias sobre o amor (subtema gerador definido pela escola), que desembocou na criação de desenhos a partir das mesmas. Na sequência das aulas, foi realizado um estudo do artista brasileiro Leonilson, com a apreciação de reproduções de obras dele, e contato com livros sobre o artista. Alguns poucos alunos da turma acompanharam uma visita à exposição do artista que ocorreu na Fundação Iberê Camargo. Em seguida deram continuidade à criação de novos desenhos sobre o tema e relacionando com a obra do artista, os quais serviram de base para a criação de ‘Parangolés’, que são obras que exploram formas e cores que são criadas para que o público possa vesti-las. Esse trabalho foi proposto no momento em que passaram a estudar o artista brasileiro Hélio Oiticica, criador deste tipo de obra. A produção final dos grupos se deu com a construção de “Parangolés do amor”, pois o suporte/formato é em tecido, vestível, com o intuito de ser utilizado de forma performática, e que traz elementos que referenciam o conceito de amor, através de desenhos, pinturas, bordados, em imagens e palavras. Ainda não aconteceu a ação performática em que os alunos irão circular pela escola vestindo os Parangolés, mas acredito que será um dos momentos mais significativos para os alunos.

O modo de construção do conhecimento se deu de forma muito própria em cada caso, assim como a vivência de experiências estéticas pode ser experimentada através de diversos meios, e em especial com os momentos do fazer artístico que ocorreram em sala de aula. É importante ressaltar que a proposta não é comparar

qual dos projetos obteve maior êxito, mas sim perceber o que cada um levantou de possibilidades próprias para o ensino da arte, na busca da ampliação do repertório desses alunos acerca dos conhecimentos referentes à arte, e, conjuntamente das possíveis vivências significativas com a arte.

A análise do material ainda não foi concluída, está em fase de categorização, mas o que pode ser constatado, até o presente momento, é que as teorias atuais acerca do ensino da arte acabam aparecendo durante as aulas, de uma forma ou de outra, mesmo que parcialmente, ou até de modo intuitivo. Também não é adotada apenas uma metodologia/teoria, mas sim há a convivência de várias, que se alternam ao longo dos diferentes momentos das aulas, articulando as experiências estéticas, criativas e teóricas.

## **Referências**

BAUER, Martin W. GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BERGER, John. *Modos de ver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.